

O desenvolvimento local entre expectativas e dilemas

num passado não tão distante (?) a noção de desenvolvimento era associada sobretudo à ideia de desenvolvimento económico, que, prometia-se, haveria de produzir bonança material para então garantir estabilidade e comodidade para todos. (?) a noção de desenvolvimento económico foi deslocada (?) sendo substituída pela ideia de crescimento. Crescer economicamente não significa distribuir os resultados daí decorrentes.

Não é necessário gastar muita tinta para mostrar que a ideia de desenvolvimento finca raízes no *pensamento ilustrado* europeu. A crença numa visão unidimensional e teleológica da história encontrava o seu combustível por aí. E, para reconhecer isso, não é preciso, como querem alguns, deitar fora toda a herança da modernidade e trajar-se de irracionalismo anti-modernista. Como é óbvio, simplismo não produz pertinência analítica.

O facto é que, num passado não tão distante, por força principalmente dos adornos da sua matriz originária, a noção de desenvolvimento era associada sobretudo à ideia de desenvolvimento económico, que, prometia-se, haveria de produzir bonança material para então garantir estabilidade e comodidade para todos. Nisso havia a atribuição de uma determinada - e apenas determinada mesmo - dimensão qualitativa à expressão. Mas, como sabemos, o campo semântico é um terreno onde interesses e perspectivas buscam dispositivos para se (a) firmarem. E, assim, a noção de desenvolvimento económico foi deslocada (em alguns sítios mais, em outros menos, é verdade), sendo substituída pela ideia de *crescimento*. Crescer economicamente não significa distribuir os resultados daí decorrentes. Por outro lado, é certo que a própria expressão *desenvolvimento* comporta ambiguidades de natureza etimológica ? não por acaso o economista indiano Amartya Sen pôs em realce a tese do ?desenvolvimento *envolvendo* todas as esferas da vida?.

Seja como for, nos últimos tempos, vem-se procurando impulsionar o aspecto qualitativo da noção de desenvolvimento. Nesse sentido, a ONU o tem reformulado, no rastro da tese de Sen, como *desenvolvimento humano*. E por aqui estão as arraias da ideia de Desenvolvimento Local. Ele viria a ser, portanto, em contextos circunscritos, uma perspectiva voltada para a satisfação de um conjunto de requisitos de bem-estar e de qualidade de vida, pondo o foco num ?consensual interesse colectivo comunitário?.

Essa definição do Desenvolvimento Local, por certo, gera ?animadoras expectativas?. Mas há o outro lado da moeda. E um olhar atento sobre ele, recomenda, no mínimo, cautela. A necessidade de acautelamento decorre do facto de a referida compreensão sobre o Desenvolvimento Local encontrar-se pejada de dilemas que, do ponto de vista da análise social, não têm sido enfrentados, seja por não serem identificados, seja por, quando o são, não receberem a atenção devida.

Não há espaço num artigo como este para abordar adequadamente tais dilemas. De resto, lembrando o que o sociólogo brasileiro Francisco de Oliveira já destacou, limito-me a pôr duas notas em relevo. A primeira diz respeito, seguindo a trilha do conceito de subdesenvolvimento, à sua especificidade histórica, ou seja, o não-desenvolvimento local é um *subdesenvolvimento em sentido forte* de que ele é peculiar à periferia (ou, se se quiser, à semi-periferia) do sistema mundial capitalista. As consequências teóricas e práticas aqui são evidentes, por exemplo: a) O Desenvolvimento Local não será o elo numa cadeia de *desenvolvimento total*; b) ou ele é concebido como alternativa ou reproduzirá a forma estrutural.

A segunda nota concerne à cidadania. Esta não é passível de ser mensurada, a não ser por procedimentos tautológicos, que consistem em atribuir pontos àquilo que se quer medir. Isto, contudo, não é defeito do conceito, pelo contrário, constitui a sua fecundidade, visto que a cidadania, dir-se-ia em linguagem deliberadamente arcaizante, é também um ?estado de espírito?. Ela é irredutível à quantificação. Mesmo que o bem-estar e uma alta qualidade de vida devam ser direito dos cidadãos, aqueles não são necessariamente sinónimos de cidadania. De outra parte, qualquer assimilação do tipo citado, também inverte os *sentidos da política*, dado que é através desta que os cidadãos lutam pelo bem-estar e pela qualidade de vida, e não o inverso.

Quer dizer, a noção de Desenvolvimento Local ou funda-se na cidadania, entendida como acto de construção da própria cidade - e como acção impossível de ser mensurada -, ou então será apenas sinónimo de uma certa acumulação de bem-estar em contextos localizados, restritos, povoados por indivíduos-massa, que, tomados pelo conformismo, tornam-se avessos à participação cívica e, por consequência, não debatem os destinos do país, passando este a ter governos pouco representativos, em decorrência, por exemplo, dos elevados índices de abstenção eleitoral. A ser assim, o Desenvolvimento Local, no máximo, gerará comunidades bucólico-harmoniosas, que buscam o idêntico e, desconsiderando as contradições inerentes à sociedade, fecham-se para o complexo e o conflito.